

**ALKANTARA  
NO SÃO LUIZ**

**19-20 NOV  
SACRIFICO  
ENQUANTO ESTOU  
PERDIDO NA  
TERRA SALGADA**

**Hooman Sharifi**

**FESTIVAL  
INTERNACIONAL  
DE ARTES  
PERFORMATIVAS**

# ESCRITORES DE SENTIMENTOS DIFÍCEIS DE PRONUNCIAR

Crítica de Fransien van der Putt a  
*Sacrifício Enquanto Estou Perdido na Terra Salgada*  
na revista Theaterkrant, 06/07/2022

O silêncio e a clareza que descem na primeira hora de *Sacrifício Enquanto Estou Perdido na Terra Salgada* são particularmente impressionantes. À esquerda e à direita do palco, o elenco senta-se no piso de madeira. Pouco antes disso, moveram-se entre o público na sala do antigo teatro da cidade de Amsterdão para cumprimentar e dar as boas vindas.

Quando Roza Moshtaghi começa a dançar no limite entre o palco e a sala de teatro – com as costas voltadas para as luzes do palco que pendem perto do chão de madeira, espalhando um brilho quente mas também escurecendo o local em que dança – ela finca o pé com um firme carimbar, algumas vezes, enquanto os seus braços se torcem, girando em torno de seu próprio eixo.

Uma escuridão interminável eleva-se acima dela – a teia está vazia e parece completamente desligada – enquanto na sala de teatro meio ocupada desce um vazio reconfortante. Quando Armin Hokmi, Tara Fatehi, Ehsan Hemat, Ali Moïni e Hooman Sharifi também vão para o palco à vez e dançam o seu solo, há uma concentração maravilhosa. De uma maneira altamente pessoal, cada performer molda aquilo que podemos ler como formas de sobrevivência e retenção, de deixar ir e retornar.

O grupo vai fundo, tanto em relação ao chão, como no desenho de algumas linhas pelo espaço. Os gestos de dança nunca são demasiado expressivos. O seu tom contido permite ao público olhar por cima dos ombros de cada elemento para o centro vazio do palco. Uma e outra vez, alguém encadeia alguns gestos, encontrando o seu próprio ritmo naquele imenso silêncio. Isto permite uma certa sensibilidade a situações insuportáveis, a formas indescritíveis de solidão, exaustão, impotência e perda. Como se estivessem para além do sentido do que habitualmente leva alguém a entrar em cena.

O momento sem palavras é quebrado por Fatehi, que deixa o seu canto ressoar no vazio. Isto dá asas ao seu corpo, assim como Hokmi e Moïni lançam uma energia diferente com saltos aqui e ali, longe do chão, longe de segurar ou deixar-se segurar. Fatehi acaba sentada no fundo do palco, com duas batidas de um dedo no chão e uma pancadinha de mão aberta no seu peito. O seu solo também se lê como uma forma de ordem e orientação, além de descrever um sentimento difícil de pronunciar.

Como uma coleção de frases individuais, retratos sobriamente esboçados de um eu que não necessariamente se mostra, os solos eventualmente convergem na boca de cena ainda escura. O que normalmente é reservado para grandes gestos, cortinas abertas e holofotes, é agora ocupado por sombras cuidadosamente

construídas que o grupo escreve enquanto se movem em conjunto. Uma profundidade partilhada é criada no vazio, como um palco sobre o palco na margem do interespaço, *en plein publique* e, no entanto, apenas relativamente visível, apenas em conversa mútua. Quando o tocador de tanbur Arash Moradi se junta ao grupo com o seu alaúde de três cordas – sentado na mesma borda entre palco e sala de teatro, visível apenas como figura e sem amplificação – a fragilidade da proposta completa-se.

Hooman Sharifi veio do Irão para a Noruega em 1989 – ano em que terminou a sangrenta guerra Irão-Iraque, Khomeini morreu e foi sucedido (vejam bem) pelo atual aiatola Ali Khamenei – aos quinze anos de idade. Através da formação em hip-hop e coreografia, tornou-se um dos mais importantes criadores de dança da Europa, com um talento para abrir a dança teatro à tangibilidade das relações reais, formas suaves de desconstrução, simplicidade pós-dramática e uma atenção concreta à complexidade de viver em conjunto e partilhar um palco. Para esta apresentação, ele convidou bailarinas, bailarinos e um músico que, como ele, deixaram o Irão. A diáspora fala através da performance de todas as formas possíveis.

Quando depois deste quase infinitamente frágil começo, o tanbur se fortalece e o grupo toma posse de todo o palco, a familiaridade do claro-escuro, da casa interior, do interior, subterrâneo ou inescrutável, abre-se. Os ritmos agora multiplicam-se, a conversa individual é desencadeada. A austera precisão e clareza do início, que dura cerca de uma hora, é trocada por cenas de conjunto com música incrivelmente bela. De acordo com o programa, não apenas a música mas toda a performance está relacionada com *A Sagração da Primavera* de Stravinsky – mas isso escapa-me, para ser sincera.

Encontrar em conjunto um ritmo, uma vibração, um fluxo, uma relação com o centro, uma relação com o exterior, permite, em última análise, que uma dança social graciosa se transforme num momento de festa no dedilhar do tanbur. Isto é então substituído pelas atitudes que encontramos numa pessoa consumida pela dor. Tudo isto é então coroado com o regresso de todos os solos anteriores, mas agora ao mesmo tempo. Imagino que este último momento seja essencial para o grupo, para que completem o círculo. Para mim como espectadora é um pouco demais. Foi melhor seguir os muitos começos singulares e fazer parte de todos os tipos de sentimentos inefáveis.

O que resta é a incrível precisão do elenco e do músico na escrita de sentimentos difíceis de pronunciar e o uso incrivelmente lúcido do espaço teatral, desenhado por Sharifi, como um lugar para moldar e compartilhar uma tragédia diária e implacável. Criar algo e deixar uma marca, carregar um sentimento, e apresentar isso também como um novo começo, quase um mundo novo. *Sacrifício Enquanto Estou Perdido na Terra Salgada* é excepcionalmente bom em tornar tangível essa linha ténue entre desistir e moldá-lo.

*Texto escrito aquando da apresentação do espetáculo no Julidans, International Theatre Amsterdam, 05/07/2022. O Alkantara Festival contou com o generoso apoio de Fransien van der Putt na sua tradução.*

19 E 20 NOVEMBRO 2022  
DANÇA

# SACRIFICIO ENQUANTO ESTOU PERDIDO NA TERRA SALGADA

HOOAN SHARIFI  
ALKANTARA FESTIVAL 2022

ALKANTARA.PT



Sala Luis Miguel Cintra  
Sábado, 20h; domingo, 17h30

Duração: 1h20; M/12

€12 a €15 (com descontos)

Sem texto / diálogos

Conversa com artistas 19 novembro, sábado,  
depois do espetáculo

Título original: Sacrifice While Lost In Salted Earth; Coreografia e Luz: Hooman Sharifi; Interpretação: Ali Moini, Tara Fatehi Irani, Ehsan Hemat, Hooman Sharifi, Sepideh Khodarahmi, Ashkan Afsharian, Masoumeh Jalalieh; Música: Arash Moradi; Som: Terje Wessel Øverland; Técnico de Luz: Martin Myrvold; Produção: Rikke Baewert; Coprodução: Montpellier Danse; Théâtre de la Ville, Paris; Julidans, Amesterdão; Dansens Hus, Oslo /// Uma produção impure company, apoiada pelo Norwegian art council e pelo ministério dos negócios estrangeiros noruegues

FINANCIAMENTO



COPRODUÇÃO



PARCERIAS



PARCERIAS MEDIA



APOIOS



APOIOS À APRESENTAÇÃO



**Direção Artística** Aida Tavares **Direção Executiva** Ana Rita Osório **Assistente da Direção Artística** Tiza Gonçalves **Adjunta Direção Executiva** Margarida Pacheco **Secretária de Direção** Soraia Amarelinho **Direção de Comunicação** Elsa Barão **Comunicação** Ana Ferreira, Gabriela Lourenço, Nuno Santos **Mediação de Públicos** Téo Pitella **Direção de Produção** Mafalda Santos **Produção Executiva** Catarina Ferreira, João Romãozinho, Marta Azenha **Direção Técnica** Hernâni Saúde **Adjunto da Direção Técnica** João Nunes **Produção Técnica** Margarida Sousa Dias **Iluminação** Carlos Tiago, Cláudio Marto, Ricardo Campos, Sérgio Joaquim **Maquinaria** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **Som** João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Rui Lopes **Operação Vídeo** João Van Zelst **Manutenção e Segurança** Ricardo Joaquim **Coordenação da Direção de Cena** Marta Pedroso **Direção de Cena** Maria Tavora, Sara Garrinhas **Assistente da Direção de Cena** Ana Cristina Lucas **Camareira** Rita Talina **Bilheteira** Diana Bento, João Reis, Pedro Xavier